

ESTUDOS DE HISTÓRIA
E ARQUEOLOGIA DE VOUZELA
Nº2



ATAS DAS II JORNADAS DE ARQUEOLOGIA DE VOUZELA - LAFÕES

2 e 3 de julho de 2021



Câmara Municipal de Vouzela | 2023

ESTUDOS DE HISTÓRIA
E ARQUEOLOGIA DE VOUZELA
————— N°2 —————

II JORNADAS DE ARQUEOLOGIA
DE VOUZELA-LAFÕES

2 e 3 de julho de 2021

Câmara Municipal de Vouzela
2023

COORDENAÇÃO

António Faustino de Carvalho
Manuel Luís Real
Catarina Tente

IMAGEM DA CAPA

Fotografia antiga de Amorim Girão

PRODUÇÃO GRÁFICA

trapeziodeideias.com

EDIÇÃO

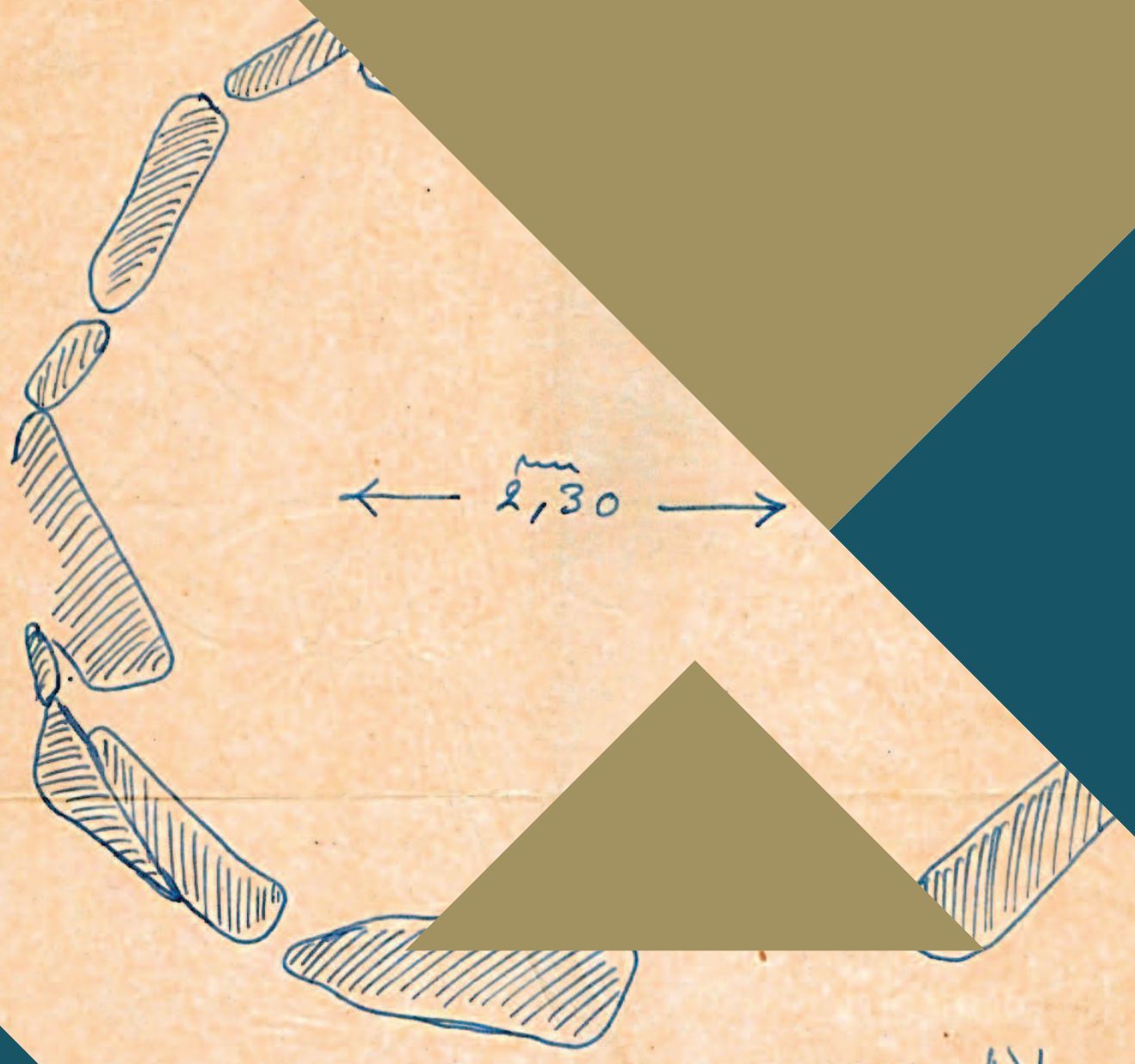
Câmara Municipal de Vouzela | 2023

ISBN 978-972-8833-07-7

ISSN 2184-9544

DEPÓSITO LEGAL

Imuniz. apertamente =



2. a pulcra
de câmaras em
desenho de:



altura em beixo

Diâmetro de manivela
Altura actual da

OLHARES PIONEIROS: A OBRA ARQUEOLÓGICA DE ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO.

João Luís Cardoso

Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

ICArEHB / Universidade do Algarve

Email: joao.cardoso@uab.pt

Resumo

Apresenta-se uma síntese da investigação arqueológica de Aristides de Amorim Girão, um dos pioneiros da moderna arqueologia pré-histórica da Beira Alta. O seu trabalho debruçou-se sobre três temas principais: o estudo das manifestações funerárias sob mamoa, a arte rupestre e as origens da região de Lafões, a sua terra natal. Faz-se também breve referência a algumas das figuras contemporâneas com quem se relacionou.

Palavras-chave: A. de Amorim Girão, Vouzela, Lafões, megalitismo, arte rupestre.

Abstract

A summary is presented of the archaeological research by Aristides de Amorim Girão, one of the pioneers of modern prehistoric archaeology in Beira Alta. His work focused on three main topics: the study of funerary mound structures, rock-art, and the origins of the Lafões region, his homeland. A short reference is also made to some of the contemporary figures with whom he related.

Key-words A. de Amorim Girão, Vouzela, Lafões, megalithism, rock-art.

Cumpre-me, antes de mais, declarar o quanto me é grato voltar a Vouzela, e estar hoje convosco, nesta ocasião tão agradável por homenagearmos a memória de um dos mais ilustres filhos deste Concelho e, para mais, com o mote de o evocarmos na perspectiva da sua obra arqueológica. Não podia, pois, deixar de responder pela positiva ao amável convite endereçado pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vouzela, a quem desde já muito agradeço, bem como ao meu caro amigo e companheiro de muitos anos das lides arqueológicas, o Doutor António Faustino Carvalho, que o tornou possível. A ambos, o meu muito obrigado pela oportunidade concedida de falar hoje sobre a obra arqueológica de Aristides de Amorim Girão, ainda que só parcialmente, pois deixarei intencionalmente de fora alguns aspectos estranhos à região de Lafões, como é o caso dos campos fortificados romanos objecto de alguns estudos de muito interesse – como sempre – por ele publicados no Boletim de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra, por ele próprio fundado, e hoje quase esquecidos.

*** **



Figura 1 - Retrato a óleo de Aristides de Amorim Girão. FLUC/Fundação Eng. António de Almeida.

O Prof. Doutor Aristides de Amorim Girão nasceu em Fataunços (Vouzela) a 16 de Junho de 1895, vindo a falecer em Coimbra, a 7 de Abril de 1960 (Fig. 1). O seu biógrafo e discípulo, o Prof. J. M. Pereira de Oliveira, na sessão que a Sociedade de Geografia de Lisboa promoveu de Homenagem à sua Memória, em Novembro de 1991, declarou que os desvios da sua formação universitária em Geografia, que seguiu devotadamente até à morte que o surpreendeu, embora já debilitado, em plena laboração, são “dois ou três títulos principais que dedicou a estudos de Arqueologia”, afirmação que não se pode subscrever, como se verá.

Contudo, a publicação do seu primeiro trabalho científico, verificada em 1921, é dedicado à Arqueologia (Girão, 1921), e coincidiu com a fase final da preparação da sua tese de doutoramento, de temática histórico-geográfica, intitulada “A bacia do Vouga. Estudo geográfico”, apresentada à Universidade de Coimbra no ano seguinte.

Nele se evidencia a importância do trabalho de campo realizado, bem expresso na natureza das observações produzidas, servidas por expressão literária extremamente cuidada, rigorosa sem deixar de ser vernácula, denotando um espírito apaixonado e profundamente motivado por tudo o que fazia. Note-se que esta publicação ocorreu quando apenas tinha 26 anos, sendo pois perfeitamente compreensível tão evidente entusiasmo, que soube conservar pela vida fora, em resultado da imensa curiosidade por tudo o que via, acompanhada pela análise rigorosa do que observava, duas características permanentes das suas obras.

Foi-lhe assim possível entrosar matérias de natureza só aparentemente díspar, do foro geográfico, geológico, etnográfico, linguístico, histórico e sociológico, lembrando José Leite de Vasconcelos, pois, como a este, tudo o interessava, e tudo registava em detalhe. Às suas observações acrescentava a mais valia que era o desenho ou a fotografia, logo presente já nesta sua obra seminal.

Na verdade as “*Antiguidades pré-históricas de Lafões*”, correspondem a obra que abarca territórios três concelhos: Vouzela, S. Pedro do Sul e Oliveira de Frades (Fig. 2). Pelo seu interesse, que mantinha intocado 80 anos depois, foi esta mesma obra reproduzida integralmente em *fac-simile*, em 2000, em edição conjunta da Câmara Municipal de Vouzela e do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra.

Tem interesse registar a explicação avançada para a palavra Lafões (baseado em David Lopes), derivada de palavra árabe designando “os dois irmãos”, no caso dois altos fronteiros, ambos com vestígios de ocupação antiga, o monte Lafão e o monte da Senhora do Castelo, bem visíveis na paisagem. Por outro lado, para o autor, Vouzela seria corrupção de um afluente do Vouga, o Vacua dos Romanos, depois Vauga e Vouga, cujo diminutivo, o pequeno Vouga, seria Vaucella, contrariando assim a ideia de palavra composta pelos nomes dos dois rios, o Vouga e o Zela.

Antes de entrar na análise dos vestígios pré-históricos, desenvolve interessantíssimas considerações sobre a ocupação proto-histórica e depois romana e medieval do território de Lafões, que se lêem com gosto, graças à prosa ágil do autor.

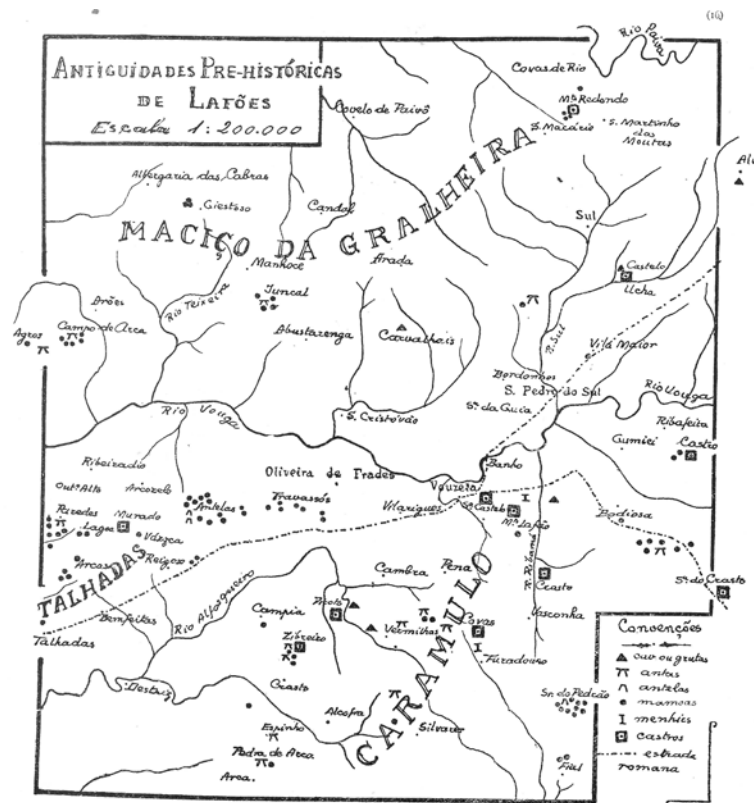


Figura 2 - Mapa das “Antiguidades Pré-Históricas de Lafões” realizado por Aristides de Amorim Girão, distribuídas por três concelhos: Vouzela, São Pedro do Sul e Oliveira de Frades (in Girão, 1921).

Entre muitas outras informações, destacam-se, no campo arqueológico, as respeitantes a uma inscrição rupestre, dita lusitana, que encontrou num penedo, no local de Corgas Roçadas, entre Corgas e Vermilhas (serra do Caramulo), com o nome PAISICAICVS, que atribuiu a divindade pré-romana, como outras conhecidas na Beira Alta. Prosseguiu, com a análise dos testemunhos de época romana, assinalando a via que, vinda de Vilharigues, passava por Vouzela, ao longo da qual refere três marcos miliários, dois deles servindo de esteios a latada na povoação de Benfeitas, o terceiro por ele identificado casualmente, por se encontrar quase totalmente enterrado, servindo de suporte a uma mesa de pedra então existente no adro da igreja paroquial de Reigoso.

Já da Idade Média, é a lápide de fundação de antiga albergaria existente naquela povoação, datada de 1195, conforme inscrição latina aberta em pedra calcária e por conseguinte estranha à região, a qual fez transportar para Coimbra, onde foi limpa e depois lida pelo Professor António de Vasconcelos, identificando o seu instituidor: o alcaide Cerveira. Coisa notável, a preciosa pedra, depois de estudada, regressou à origem, não sem antes dela se terem feito duas cópias, uma remetida para o Museu Etnológico Português, em Lisboa, então dirigido por Leite de Vasconcelos (o actual Museu Nacional de Arqueologia), outra entregue

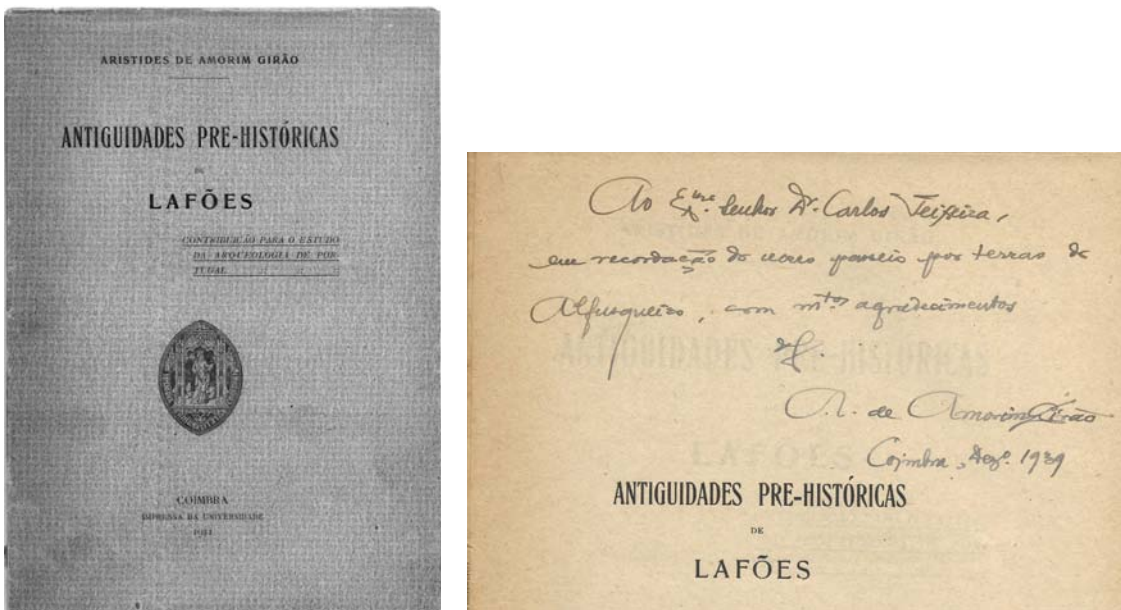


Figura 2A e 2B - Frontispício das “Antiguidades Pré-Históricas de Lafões” e reprodução da edição autografada pelo autor e oferecida a Carlos Teixeira.

na Universidade de Coimbra. Numa época em que era fácil e até usual que tais preciosidades fossem subtraídas às regiões de origem, invocando motivos científicos, para nunca mais voltarem, a atitude do jovem Amorim Girão comprova o profundo respeito pelos seus conterrâneos, não os privando de tão importante monumento para a história local, que ficou assim inquestionavelmente valorizada.

A introdução às “Antiguidades pré-históricas de Lafões” revela a capacidade do jovem Amorim Girão em comunicar, aos seus amigos e colaboradores, circunstanciais companheiros, o seu entusiasmo pelos trabalhos e explorações a que meteu ombros:

“E entretanto decorria Janeiro de 1917. Estávamos a 12 do mês, na festa de anos do meu querido conterrâneo e amigo Aurélio de Sousa Melo, e essa festa proporcionou-me o acaso feliz de, momentos antes do jantar, na adega, com a primeira denúncia de dois copos de óptimo Falerno vinho de alta categoria produzido na região de Nápoles], abordar o então professor primário de Ventosa, José Manuel da Silva, que conhecia bem a serra do Caramulo e suas dependências [...]. Seguiram-se as excursões e os trabalhos. Logo no dia 18 de Janeiro, uma abundante queda de neve não impedia que eu e os meus dedicados amigos [...] fizéssemos a primeira viagem de reconhecimento à Malhada e ao Ventoso, onde examinámos os primeiros dolmens. Desde logo se projectou a sua exploração, que se não fez esperar [...]. Em 24 do referido mês (de Março), fazíamos a exploração de uma das antelas sitas junto da povoação do mesmo nome, que se nos revelou absolutamente

intacta, e logo a 28 partíamos para o Caramulo em busca de novos megálitos e com destino a uma ligeira pesquisa no dolmen da Meruje, que no dia seguinte se efectuava.” (p. VI, VII).

Assim se iniciam os trabalhos arqueológicos de Amorim Girão na rica região dolménica de Vouzela, então totalmente ignorada, destacando-se desde logo a prioridade que deu à exploração do dólmen de Antelas. Este monumento do concelho de Oliveira de Frades veio a revelar, nas escavações ali realizadas em 1956, o que seria o mais extraordinário monumento dolménico com pinturas rupestres até ao presente conhecido, correspondendo a uma autêntico templo pré-histórico subterrâneo (Cardoso, 2002: 240).

Importa referir que as explorações ali efectuadas em 1917 por Amorim Girão conduziram à identificação das primeiras pinturas no monumento, assim por ele descritas: *“as lajes, alisadas na face interna, apresentam uns vivos desenhos em xadrez, a ocre vermelho, estando a tinta perfeitamente conservada, mesmo na parte mais directamente exposta à intempérie”* (Girão, 1921: 36). Mas ainda bem que na época as explorações não progrediram mais, pois de contrário já nada deveria restar destes notáveis testemunhos. Quarenta anos depois, o mesmo monumento foi objecto de escavação integral por Octávio da Veiga Ferreira, Abel Viana e Luís de Albuquerque e Castro. A tais explorações reagiu Amorim Girão em missiva dirigida a Octávio da Veiga Ferreira datada de 28/1/1957, que se reproduz na íntegra (Fig. 3):

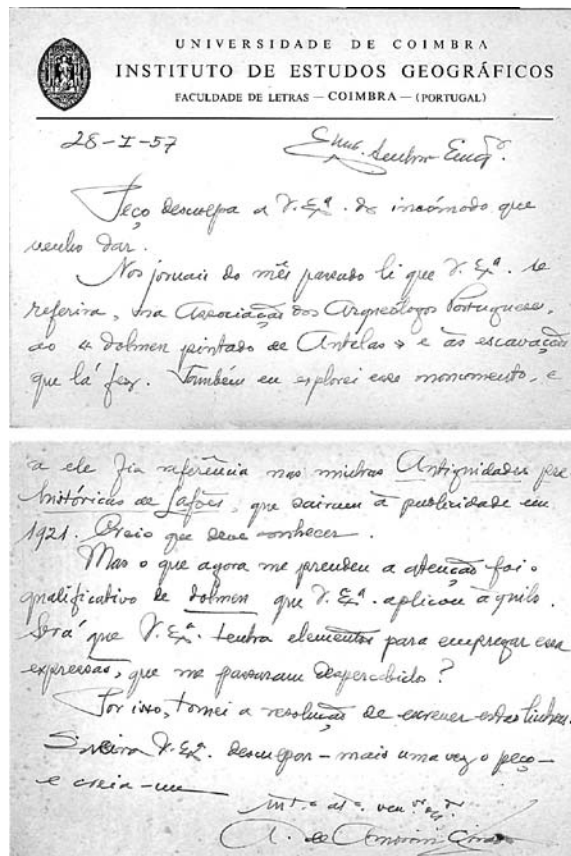


Figura 3 - Missiva de Aristides de Amorim Girão para Octávio da Veiga Ferreira datada de 28 de janeiro de 1957 respeitante ao dólmen de Antelas (in Cardoso, 2008).

Exm.º Senhor Eng.º

Peço desculpa a V. Ex.ª do incómodo que venho dar. Nos jornais do mês passado li que V. Ex.ª se referira, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, ao “dolmen pintado de Antelas” e às escavações que lá fez. Também eu explorei esse monumento, e a ele fiz referência nas minhas Antiguidades pre-históricas de Lafões, que saíram à publicidade em 1921. Creio que deve conhecer. Mas o que agora me prendeu a atenção foi o qualificativo de dolmen que V. Ex.ª aplicou áquilo. Será que V. Ex.ª tem elementos para empregar essa expressão, que me passaram despercebidos?

Por isso, tomei a resolução de escrever estas linhas. Queira V. Ex.ª desculpar – mais uma vez o peço – e creia-me

Mt.º at.º ven.º ob.do

A. de Amorim Girão

Esta missiva tem o interesse de comprovar que, perto do fim de uma vida de trabalhos quase inteiramente dedicados à Geografia e à sua Universidade, e apesar da fragilidade da sua saúde, o autor mantinha o interesse pelos desenvolvimentos que observava na Arqueologia portuguesa e, em particular, nos espaços e monumentos que tinha investigado muitos anos antes, embora não possa deixar de causar estranheza a dúvida de Amorim Girão, em 1957, sobre a natureza dolménica do monumento por ele identificado como tal em 1917.

Conhece-se uma fotografia de 1956 da câmara do monumento que deixa ver restos de pinturas ao nível do solo, em situação semelhante à que foi deixada por Amorim Girão em 1917 (Fig. 4); por outro lado, a sua dúvida, hoje em dia para nós insólita, por se tratar obviamente de um dólmen, resulta do facto de, para ele, só os megálitos com corredor deverem ser assim designados; os de câmara fechada ou desprovidos de corredor foram por ele designados de “antelas”, e tal facto estava em plena concordância com a realidade por ele observada, conforme desenho que apresenta do monumento, que se manteve com o aspecto de ser de facto desprovido de corredor, realidade claramente registada em planta levantada por Abel Viana em 1956 antes das escavações realizadas nesse mesmo ano (Fig. 5).



Figura 4 - Câmara do dólmen de Antelas, antes das escavações, com pinturas observáveis no esteio da cabeceira (arquivo OVF/JLC).

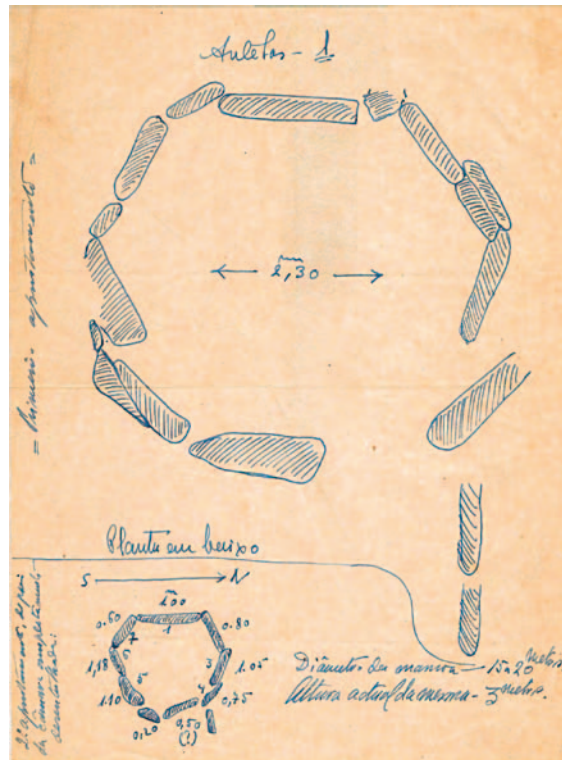


Figura 5 - Planta de Abel Viana do dólmen de Antelas, antes da realização das escavações em profundidade, evidenciando aparentemente um monumento fechado desprovido de corredor (arquivo OVF/JLC).



Figura 6 - Vista geral do dólmen de Antelas, no final das escavações, evidenciando tratar-se de monumento com câmara bem diferenciada e corredor longo (arquivo OVF/JLC).

Na verdade, depois de escavado, o dólmen evidenciou possuir corredor bem desenvolvido, que antes não se tornava evidente porque, como é sabido, os esteios do corredor serem, frequentemente, mais baixos que os da câmara (Fig. 6).

O notável trabalho realizado por Amorim Girão no capítulo do megalitismo funerário de Lafões foi já objecto de estudo de minha autoria, publicado em 1999 (Cardoso, 1999). Ali se reproduziu a carta elaborada e publicada por Amorim Girão em 1921, a qual serviu de base para a revisão então elaborada (Fig. 7). As vinte e oito ocorrências arqueológicas nela assinaladas por Amorim Girão, e que serviram de base para a carta publicada em 1998 por Vera Leisner, apoiada nos reconhecimentos de campo efectuados na região por ela e seu marido, Georg Leisner, na década de 1930, distribuem-se pelas duas categorias acima referidas: dólmenes com corredor, antelas (monumentos fechados) e mamoas (montículos de aterro, com ou sem estruturas enterradas) evidenciando distribuição não aleatória no terreno. De facto, é nítida a agregação de dois a quatro monumentos, constituindo núcleos, embora também ocorram monumentos isolados.

Alguns, do concelho de Vouzela, mereceram destaque: é o caso do dólmen da Casa da Orca da Malhada de Cambarinho cujo desenho à pena foi publicado por Amorim Girão (1921: fig. 7) (Fig. 8). Inicialmente, admitia-se ser este um monumento do tipo galeria coberta, mas, já no final do século XX, essa interpretação evoluiu para se considerar que o que dele restava era apenas o corredor, como referiu Pedro Sobral de Carvalho e colaboradores (Carvalho et al., 1993), tendo os esteios da câmara sido completamente removidos, como se evidencia na planta publicada por Vera Leisner (1998: Tf. 10, mod.).

Os espólios publicados por esta autora, e que em parte tinham já sido objecto de publicação por Amorim Girão (1921: est. 1, n.º 1 e n.º 3), com pontas de seta de sílex de base triangular e lâminas profusamente retocadas (Fig. 9), denunciam a utilização do monumento nos finais do 4.º / inícios do 3.º milénio a.C., acompanhado de dois outros monumentos identificados pelo autor nas imediações próximas e que por isso bem merecem ser investigados de forma integrada. Importante é a presença de um cristal de quartzo de evidente significado simbólico.

Outro monumento que justifica destaque é a anta do Ventoso ou Cova da Moura, assim nomeada por se encontrar ainda muito enterrada na respectiva mamoa, conhecendo-se dela desenho à pena (Girão, 1921: fig. 6) e a respectiva planta (Leisner, 1998: Tf. 10, mod.) (Fig. 10). Amorim Girão descreve-a do seguinte modo: “Este monumento é composto de oito esteios monolíticos de cêrca de 3 m. de altura: dois deles acham-se caídos sobre o solo, e apenas os seis restantes sustentam a pesada laje de cobertura, que mede 2,30 m. de comprimento por 1,70 m. de largura. Estes últimos repousam inclinados uns contra os outros por forma que se sustentam [...]” (Girão, 1921: 47). O autor declara nada ter encontrado, mas o bom estado do monumento, a que acresce a indefinição da sua planta, visto a publicada por Vera Leisner não autorizar a existência de corredor, justifica a sua reescavação.

Estes dois monumentos inscrevem-se na região da serra do Caramulo, uma das três considerada na divisão geográfica do território de Lafões, onde se identificaram outros monumentos, como a anta da Lapa de Meruje ou de Vermilhas que classifica como “sober-

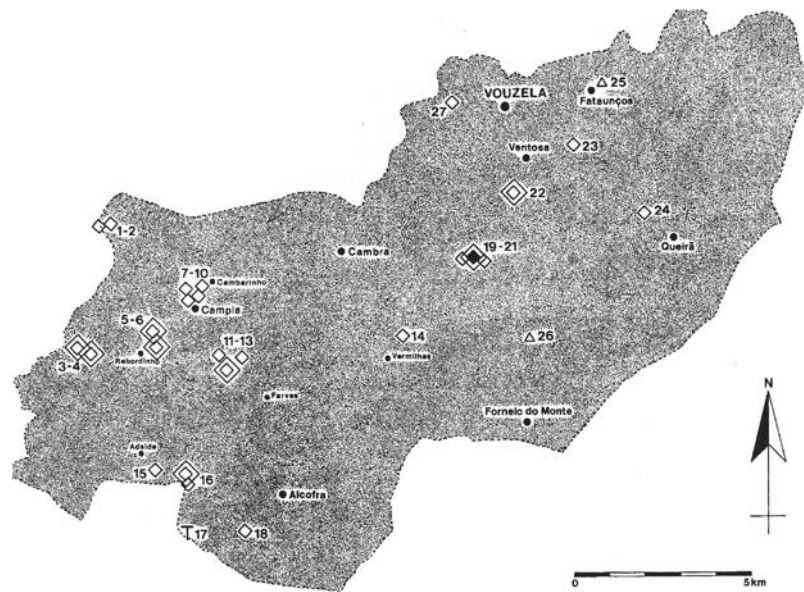


Figura 7 - Carta dos monumentos megalíticos do concelho de Vouzela reconhecidos até 1999 (in Cardoso, 1999: fig. 1).

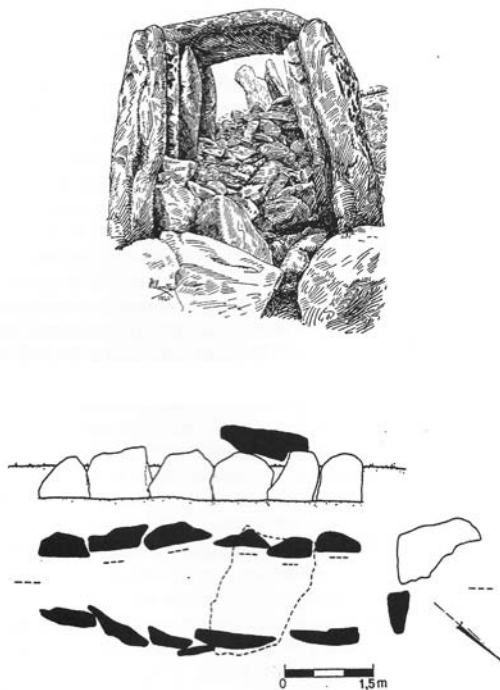


Figura 8 - Dólmen da Casa da Orca da Malhada do Cambarinho, seg. A. de Amorim Girão e V. Leisner (in Cardoso, 1999).

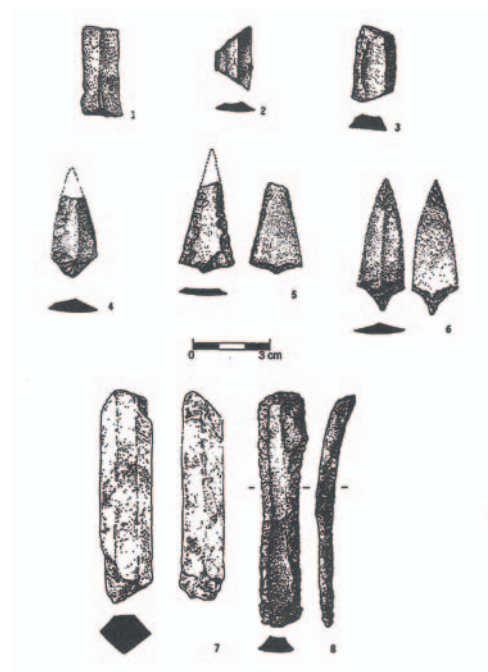


Figura 9 - Materiais arqueológicos exumados no dólmen da Casa da Orca da Malhada do Cambarinho, seg. A. de Amorim Girão (in Cardoso, 1999).



Figura 10 - Anta do Ventoso ou Cova da Moura, seg. A. de Amorim Girão e V. Leisner (in Cardoso, 1999).

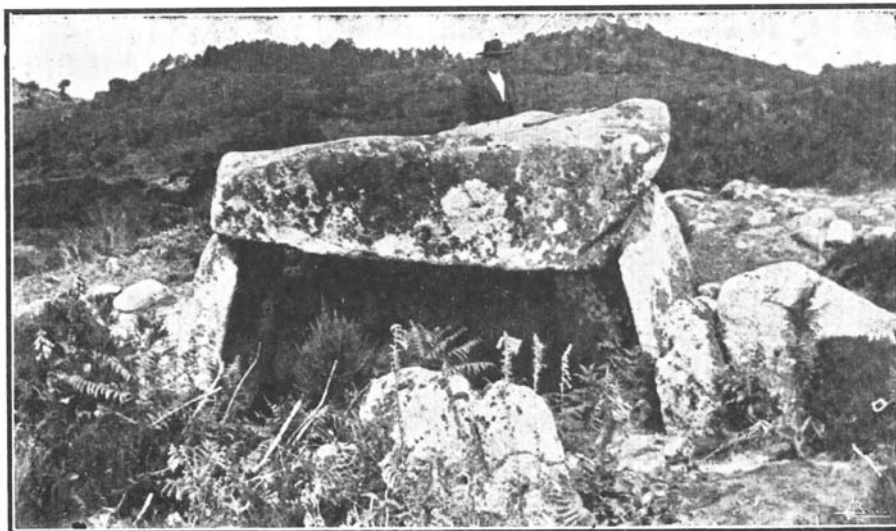


Figura 11 - A Lapa de Meruje, enorme monumento megalítico perto de Vermilhas, seg. A. de Amorim Girão (1921: fig. 5).

bo exemplar sobretudo pelas dimensões do chapéu, com 3,0 m de comprimento, sustentado por seis esteios com cerca de 3,0 m de altura tendo a mamôa aproximadamente 10 m de raio” (Fig. 11).

Nesta tão rica e bela região dolménica, era apenas conhecido, antes do estudo seminal de Amorim Girão um único dólmen, a formosa Pedra de Arca, ou anta do Espírito Santo de Arca (no concelho de Oliveira de Frades) com o seu chapéu ainda milagrosamente intacto, como que a desafiar a força inexorável da gravidade.

À região central do território de Lafões o autor reporta, entre outro monumentos, o já referido dólmen de Antelas e, do lado de São Pedro do Sul, também grutas e abrigos sob rocha, que se juntam aos identificados na região do Caramulo, como a Cova do Lobisomem em Cambra e o Poço do Urso em Vermilhas, a que se junta agora a Cafúrnea, a qual tal tem origem antrópica (galeria mineira?) tal como acontece como as anteriores.

É importante registar que o único testemunho metálico assinalado na monografia é uma ponta de lança de bronze, aparecida não longe de uma destas cavidades da região oriental lafonense, da qual, infelizmente, não apresenta desenho, pelo que se fica lamentavelmente sem saber os indispensáveis detalhes que permitiriam a classificação da mesma.

Enfim, à região do maciço montanhoso da Gralheira reportou Amorim Girão diversas antas importantes e bem conservadas, como a Pedra da Moura do Campo de Arca (Macieira de Cambra) considerado o monumento melhor conservado (*op. cit.:* 66) e a notável anta do Coval, entre as povoações de Coval e Agros, do mesmo concelho, igualmente muito bem conservada sob a mamôa, e com a particularidade de possuir longa galeria voltada a NE, quando a tendência dominante é a abertura para o quadrante de SE.

A épocas essencialmente mais recentes devem pertencer os testemunhos de sítios habitados, com vestígios de muralhas ou mesmo de habitações, os quais, alcandorados no alto dos montes, envoltos em lendas, e também, de forma mais prosaica, em densa vegetação quase intransponível, foram também registados pelo autor. Alguns bem mereciam levantamento sistemático, podendo, uma minoria que fosse, remontar à época pré-histórica, tal qual o verificado em outras regiões interiores do país, com em Trás-os-Montes e Alto Douro (Sanches, 1997) ou, mais perto, na região de Fornos de Algodres (Valera, 1997), que sugerem a possibilidade, como já referi há mais de 20 anos “de também um dia virem a ser confirmados no aro vouzelense” (Cardoso, 1999: 201).

Já os dois monumentos megalíticos não funerários identificados por Amorim Girão – os supostos menires de Bicão dos Conqueiros, enorme massa granítica de tendência piramidal e pontiaguda, com cerca de 10 m de altura, situada em Covas, e o monólito de Pedras Altas, em Fataunços, este com depressões irregulares bem visíveis na figura publicada (Girão, 1921: fig. 11), supostas fossetes (Fig. 12) são, na verdade, massas naturais, conforme se apurou mais tarde (Silva e Silva, 1994), a última das quais de forma caprichosa, que justificou o arranque pelo actual proprietário, implantando-a no seu jardim... (informação de A. F. Carvalho, de 28/6/2021).

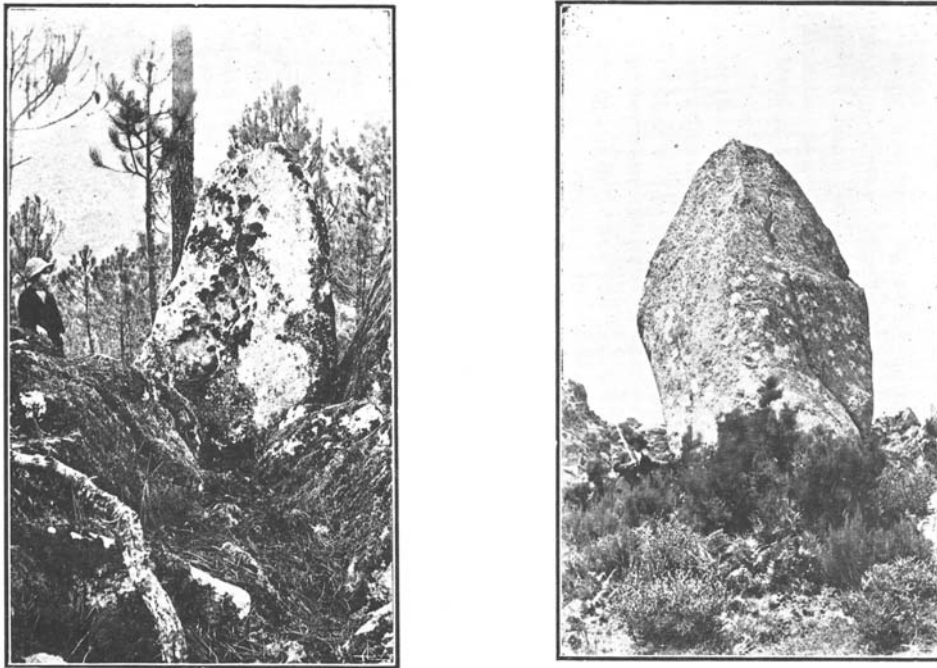


Figura 12 - Os penedos de Pedras Altas e de Bicão dos Conqueiros, interpretados como menires por A. de Amorim Girão (1921, figs. 10 e 11).

*** **

Outro domínio abordado por Amorim Girão é o da arte rupestre, identificada pelo autor na serra das Talhadas, que constitui capítulo próprio da obra. Para além de diversos monumentos dolméricos, e sítios muralhados, nas Benfeitas, no local denominado Ferraduras Pintadas, identificou vasta laje insculturada, cujos símbolos genericamente se inscrevem na arte esquemática do noroeste peninsular, incluindo podomorfos (Fig. 13). Note-se que esta foi publicação pioneira em Portugal sobre tal temática, envolvendo o levantamento gráfico integral de um painel insculturado, antecedendo em alguns anos o primeiro estudo dedicado por Joaquim Fontes ao santuário do Gião, em Arcos de Valdevez (Fontes, 1932). Não longe, no sítio denominado Cantinhos (Fig. 14), observou Amorim Girão outra laje ostentando um conjunto constituído por diferentes símbolos, que se inscrevem também no mesmo ciclo de arte esquemática da transição do 3.º para o 2.º milénios a.C., de acordo com a “cronologia curta” defendida por António Martinho Baptista (1983/1984). Estas duas superfícies insculturadas revelam semelhanças com outras ocorrências do norte de Portugal, com destaque para o célebre painel do Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães), o primeiro a ter sido publicado a nível mundial, em 1734, por Jerónimo Contador de Argote (1734), mais tarde reapreciado por Juan Cabré em 1916.

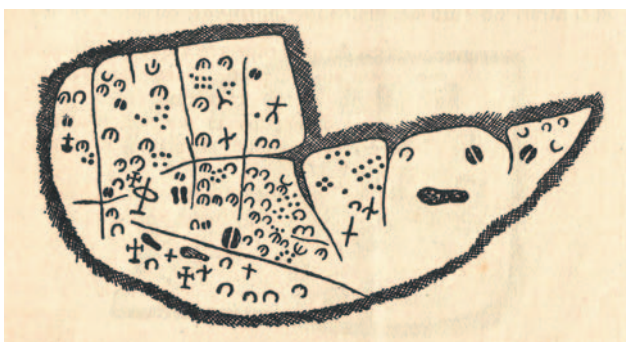


Figura 13 - O petróglifo das Ferraduras Pintadas, Benfeitas, serra das Talhadas (Girão, 1925: fig. 1).

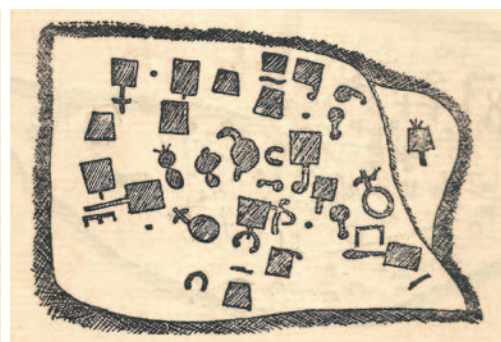


Figura 14 - A Pedra dos Cantinhos, petróglifo da serra das Talhadas (Girão, 1925: fig. 2).

Pode ter sido este antecedente setecentista, do qual entretanto se tinha perdido a localização (depois recuperada, cf. Santos Júnior, 1934), que incitou a curiosidade do nosso homenageado por esta linha de investigação, até então quase desconhecida em Portugal, exceptuando o estudo pioneiro de Leite de Vasconcelos, publicado em 1907, sobre as pinturas que encontrou em dólmenes da Beira Alta (Vasconcelos, 1907). Seja como for, evidencia-se, uma vez mais, a capacidade de Amorim Girão em valorizar domínios de investigação então quase desconhecidos entre nós; logo em 1925 publicou na “Biblos” artigo mais desenvolvido sobre esta temática, que sem dúvida o fascinou, intitulado “Arte rupestre em Portugal” (Girão, 1925), acrescentando às duas insculturas lafonenses mais ocorrências por si identificadas, desenvolvendo, tanto quanto à cronologia como ao seu significado, considerações que ainda hoje são relevantes.

Quanto à cronologia, considera tais manifestações de época neolítica, associando os petróglifos de Eiras da Seixa às pinturas a ocre do dólmen de Antelas, dada a sua proximidade, relação reforçada pela presença de insculturas em esteios dolménicos, que foi o primeiro a identificar de forma cabal, ilustrando o seu referido estudo de 1925 com as existentes no dólmen de Carvalha do Fial, com todos os monólitos que integram a câmara decorados do lado interno, a que se somam outros, observados em blocos soltos ou ligados ao substrato geológico, a cerca de 100 m, na Gândara do Fial (Tondela).

*** **

A notável publicação que são as “Antiguidades pré-históricas de Lafões”, parece ter saído de um espírito já amadurecido pelos anos, não fosse o entusiasmo contagiante que levou o autor a contrair doença grave, pelos excessos passados na serra, perdidos os companheiros das primeiras explorações, um por ter requerido colocação como professor primário no Minho, o outro por ter de se exilar em 1919, abortada a insurreição monárquica no norte do País. Mas trata-se sempre de um empenho conseqüente ainda que idealista, ou seja iluminado por ideias superiores, cuja concretização estava acima das suas forças; a tal propósito,

declara na introdução das suas “Antiguidades” a p. X/XI: “a Beira Alta tem sido votada (...) ao mais execrável esquecimento (...). E, não obstante isso, é das regiões mais ricas do país em restos monumentais dos tempos pré-históricos (...)”.

Evocando Espanha, onde à época eram exemplares as publicações sobre Pré-História consubstanciadas nas célebres Memórias editadas pela “*Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*”, sediada em Madrid no Museo Nacional de Ciencias Naturales, em Portugal, pontificava a ausência da intervenção dos poderes públicos para apoiar as iniciativas dos particulares ou das instituições. É o caso desta, por si empreendida em 1917 nas terras de Lafões, cujo objectivo foi, como ele próprio declarou, para que se “*perpetue a glória que nos coube em 1880, com a realização em Lisboa do Congresso Internacional de Arqueologia Pré-Histórica*”.

E foi este espírito militante, a um tempo idealista e pragmático, servido por forte capacidade de observação e de concretização que explica a obra monumental do autor, corporizada em extensas monografias de diversa temática geográfica, onde o rigor da observação no campo (Fig. 15) se aliou invariavelmente à valorização do detalhe, a partir do qual assentará sempre a construção subsequente da síntese.



Figura 15 - Da esquerda para a direita: António de Medeiros-Gouvêa, Orlando Ribeiro e Aristides de Amorim Girão, numa pausa dos trabalhos na serra do Bussaco, nos inícios da década de 1940. Arquivo Georges Zbyszewski.

Na verdade, é muito reconfortante verificar, no presente e em Vouzela, a prossecução dos esforços desenvolvidos por Amorim Girão e que este preconizava fossem continuados, pelos seus continuadores que, com esta iniciativa, quiseram homenagear a memória do Mestre que os antecedeu. E ainda bem que assim foi: mais de cem anos de silêncio separam o som das ferramentas manipuladas por Amorim Girão e o produzido pelos seus continuadores de hoje, no território de Vouzela, apesar de ter existido investigação, publicação e divulgação do património arqueológico concelhio, a começar pelos notáveis estudos publicados na década de 1950 por O. da Veiga Ferreira, Abel Viana e Luís de Albuquerque e Castro, até aos tempos muito recentes da publicação da Carta arqueológica do concelho, por Jorge Marques em 1999, a que se seguiu em 2005 um novo contributo do mesmo, aliás já preconizado por quem escreve estas linhas em 1999, apresentando e propondo diversos roteiros arqueológicos susceptíveis de interessar o visitante sobretudo de o fazer voltar.

Desde 2015, e até à presente data, com a constituição de uma equipa pluridisciplinar e a aprovação de um Projecto de Investigação pela DGPC, o trabalho desenvolveu-se em várias frentes, com o exclusivo patrocínio do município de Vouzela. Os resultados obtidos, no respeitante à Pré-História, podem resumir-se em números, fornecidos a meu pedido por António Faustino de Carvalho, o continuador de Amorim Girão nesta tão apetecível quanto por tanto tempo ignorada região arqueológica: destaca-se o aumento do número de mamoaas inventariadas (neolíticas e proto-históricas): das 45 até então conhecidas, passou-se para 143 (números de outubro de 2020), em resultado da prospecção de terreno facilitada pelos trágicos incêndios de 2017, que permitiu localizar sítios inéditos, e relocalizar outros, como o dólmen de Seixosa, e perceber ainda que algumas necrópoles neolíticas agregavam mamoaas proto-históricas, que até agora se desconheciam.

Ao nível de escavações, a realizada no corredor da soberba anta da Lapa de Meruje desde 2016, permitiu a descoberta de gravuras esquemáticas, a par da exploração do átrio, que era lajeado, o qual foi encerrado na passagem do 4.º para o 3.º milénio a.C., conduzindo à recolha de importantes espólios arqueológicos (geométricos trapezoidais, lâminas, enxó e contas discoides de xisto), materiais compatíveis com a fundação do monumento no Neolítico Médio, i.e., na 1.ª metade do 4.º milénio a.C., tal como outros presentes na região, de que se destaca o de Antelas.

Na Malhada do Cambarinho foi sondado o “afloramento monumentalizado” (nova terminologia, proposta por Pedro Sobral de Carvalho e António Faustino Carvalho), com covinhas, em torno do qual se construiu um “*cairn*” delimitado por um círculo de monólitos de tipo menir (Carvalho e Carvalho, 2018).

No Marco da Mata conheciam-se 3 mamoaas neolíticas, uma das quais com esteios acima do topo da mamoa, que lhe dá o nome “marco”. Os incêndios mostraram mais 15 mamoaas, e talvez 1 “afloramento monumentalizado”, muito destruído, e ainda um provável povoado.

A escavação da anta da Lapa de Meruje insere-se na reabilitação e valorização do monumento, cujas soluções finais estão neste momento em análise, respondendo cabalmente ao propósito que o signatário apresentou há precisamente 22 anos, quando publicou a primeira síntese da Pré-História de Vouzela depois da elaborada por Amorim Girão, terminando

com uma proposta concreta de actuação, tanto no terreno como no gabinete, tendo em vista precisamente a cartografia sistemática das ocorrências, a escavação das mais significativas, ou as que pelas ameaças imediatas a que estivessem sujeitas fossem consideradas de intervenção prioritária. Enfim, preconizava-se a valorização dos espaços arqueológicos e a edição de publicações, a par da organização de ciclos de conferências ou exposições que eventualmente levassem à constituição de unidade museológica, de características polinucleada, integrada no Museu Municipal, dando assim resposta às necessidades de populações residentes ou não, cada vez melhor preparadas tanto cívica como culturalmente, e por isso mesmo mais exigentes. É-me muito grato verificar que esse plano está agora a ser concretizado da melhor maneira, saudando a Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente, e incentivando-o, se tal fosse preciso, a seguir no caminho já definido, e sobretudo saber esperar pacientemente e com sabedoria, tendo presente que resultados rápidos e espectaculares em Arqueologia não existem.

*** **

Homem de observação, de descrição e de interpretação, ou seja, de análise objectiva dos factos que no terreno se ofereciam, em primeira mão, ao seu olhar de naturalista, seguidos da indispensável reflexão, antecedendo as conclusões possíveis, Amorim Girão foi um cientista coerente e rigoroso, privilegiando actuação simultânea em diversos domínios indissociáveis entre si, requerendo abordagem hoje designada de “multidisciplinar”, que praticou de forma consequente e eficaz.

As observações e conclusões de natureza arqueológica apresentadas na sua obra seminal, claramente inovadoras e originais para a época, pouco envelheceram! A explicação para tal é simples, e reside no facto de Amorim Girão ter privilegiado, às elucubrações vazias de significado, as observações e descrições de terreno, que ainda hoje, ao serem lidas, denotam o vigor e o rigor com que foram escritas, numa continuada e inflexível procura, jamais terminada, como se tivessem sido ontem mesmo produzidas!

Assim se explica o segredo de permanecerem fundamentais para todos os que, no presente, estão a dar continuidade à investigação nas temáticas arqueológicas por ele abordadas: está assim explicada a razão de ser deste nosso encontro evocativo, que é também de Homenagem a um notável vouzelense e português.

Agradecimentos

Para além dos agradecimentos já anteriormente consignados, cumpre agradecer ao Doutor João Paulo Zbyszewski, pela cedência da foto (Figura 15), ora publicada.

Referências

- ARGOTE, J. C. de (1734) - *Memórias para a História Ecclesiástica do arcebispado de Braga*. Lisboa: Régia Officina Sylviana, vol. 2.
- BAPTISTA, A. M. (1983/84) - Arte rupestre do norte de Portugal: uma perspectiva. *Portvgalia*. Nova Série, 4/5, p. 71-82.
- CABRÉ, J. (1916) - *Arte rupestre galego y português (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.
- CARDOSO, J. L. (1999) - Monumentos megalíticos do concelho de Vouzela. In *Vouzela Estudos Históricos*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- CARDOSO, J. L. (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2008) - Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 16, p. 383-408 (O. da Veiga Ferreira: Homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor).
- CARVALHO, P. S.; CARVALHO, A. F. (2018) - Para uma recuperação do megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). O concelho de Vouzela enquanto case-study. In SENNA-MARTINEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F., eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, p. 37-50.
- CARVALHO, P. S.; GOMES, L. F. C.; COIMBRA A. M. M. (1993) - Casa da Orca da Malhada de Cambarinho (Vouzela, distrito de Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. 1, p. 97-102.
- FONTES, J. (1932) - Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico do Gião. *Revista de Arqueologia*. 1, p. 75-82.
- GIRÃO, A. de A. (1921) - *Antiguidades préhistóricas de Lafões*. Coimbra: Imprensa da Universidade (Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, 2).
- GIRÃO, A. de A. (1925) - Arte rupestre em Portugal (Beira Alta). *Biblos*. 1, p. 81-95.
- LEISNER, V. (1998) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Band 1.4. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- MARQUES, J. A. M. (1999) - *Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.
- MARQUES, J. A. M. (2005) - *Vouzela. Património Arqueológico. Sítios e rotas*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.
- MARQUES, J. A. M. (2014) - *Lafões. História e Património*. Viseu: Edições Esgotadas.
- SANCHES, M. J. (1997) - *Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (2 vols.).
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1934) - As pinturas rupestres do Cachão da Rapa. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 6: 3, p. 185-222.
- SILVA, F. A. P.; SILVA, A. M. (1994) - Menires de Alvarenga e da Serra da Freita (Arouca, Aveiro). Breve notícia. V *Jornadas Arqueológicas*, vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 109-124.
- VALERA, A. C. (1997) - *O castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Associação para o Estudo Arqueológico da bacia do Mondego (Textos Monográficos, 1).
- VASCONCELOS, J. L. de (1907) - Peintures dans les dolmens de Portugal. *L'Homme Préhistorique*. 5: 2, p. 33-37.

ORGANIZAÇÃO

